

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

FESTA DE SILVEIRAS: RETRATO DA CULTURA TROPEIRA

Daira Renata Martins Botelho¹

Resumo

A cultura tropeira é retratada há mais de trinta anos na Festa do Tropeiro que acontece na cidade de Silveiras, interior de São Paulo. O objetivo deste estudo é entender como se deu o crescimento da festa e o papel da mídia nesse processo. Como metodologia adotamos pesquisa bibliográfica, mapeamento midiático – com o intuito de perceber se a mídia pauta a manifestação – e observação participante durante os dias do evento. A teoria que norteará a pesquisa é a Folkcomunicação, concebida por Luiz Beltrão na década de 60, diz respeito à comunicação aquém da mídia, existente não só nas manifestações populares, mas em vários setores da sociedade.

Palavras-chave: Folkcomunicação. Cultura popular. Tropeiros. Processo comunicacional. Mídia.

Introdução

Em meio à sociedade midiaticizada que nos remete, cada vez mais, aos produtos industrializados e relacionados à massificação, também, da cultura, encontramos em

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática da Unesp – Bauru. E-mail: dairarmb@yahoo.com.br

diversas comunidades a existência de grupos que tentam manter vivas as tradições de seu povo, como a cultura tropeira.

O movimento tropeiro foi de grande importância para o crescimento e descobrimento de novas regiões em nosso país, partindo, sobretudo, da região sudeste. Nesse contexto nasce – a partir de um rancho de descanso dos tropeiros – a cidade de Silveiras, interior de São Paulo. Hoje a cidade conta com aproximadamente cinco mil habitantes, é parte integrante da região do Vale do Paraíba, compondo chamado Vale Histórico.

Há trinta anos um grupo decidiu resgatar as tradições tropeiras através de um grande encontro que hoje é conhecido como a Festa do Tropeiro de Silveiras.

Um grande crescimento pôde ser confirmado através das páginas do jornal Vale Paraibano nos últimos dez anos. O público que era de 20 mil pessoas em 1997 passou para 80 mil em sua última edição em 2008; houve o incremento da festa com novos atrativos, como o rodeio e shows de grande porte, além dos já consagrados almoço tropeiro e o desfile das tropas.

Apesar do crescimento que o evento assumiu ao longo dessas três décadas, não há muitos registros e, até mesmo, divulgação a nível nacional, no entanto, durante os dias da festa, podemos encontrar pessoas de várias regiões.

O problema de pesquisa gira em torno do crescimento da festa: entender o porquê de tal fenômeno e como isso se deu. Tratar a festa não com um evento midiático, mas descobrir como se dá o processo comunicacional que envolve essa manifestação cultural. De que forma se deu tal crescimento? Uma alternativa de resposta será verificada através dos conceitos da teoria da Folkcomunicação – criada por Luiz Beltrão – que mostra um olhar diferenciado sobre as manifestações culturais que sobrevivem aquém da grande mídia e de seu processo de mediação.

Como metodologia pretendemos utilizar a pesquisa bibliográfica como um estudo inicial sobre a Folkcomunicação e suas possibilidades de estudo e abordagens; um estudo sobre a história da cidade e do movimento tropeiro, para conhecer a origem e poder criar um olhar crítico acerca da manifestação. Posteriormente adotaremos a observação exploratória a fim de conhecer as peculiaridades, bem como as pessoas que tiveram a

iniciativa do resgate da cultura tropeira e, finalmente, uma observação participante, com o intuito de entrar no processo de produção da festa em si.

Para tanto, será utilizada a Folkcomunicação – teoria genuinamente brasileira, proposta por Luiz Beltrão na década de 60 em sua tese de doutorado. O professor buscou entender como as comunidades que viviam aquém da grande mídia – a mídia massiva – conseguiam estar informadas acerca do que acontecia no mundo, por exemplo. Aplicar esse conceito na Festa de Silveiras é a ferramenta para encontrar a resposta para o problema proposto pelo trabalho, visando identificar esse processo de comunicação e como ele se constituiu para que a manifestação existisse.

A Folkcomunicação, aliada com estudos sobre cultura e folclore, nos dá subsídios para pensar as manifestações de cultura popular como formas de informação e, sobretudo, interação social de determinada comunidade ou comunidades.

Mesmo tendo a folkcomunicação como base desta pesquisa, um estudo de mídia será realizado por meio de matérias jornalísticas que mostrarão como a imprensa aborda o evento, bem como sua divulgação e programação.

Fundamentação teórica

O tropeirismo no Brasil data do século XVII, surgido praticamente na mesma época dos bandeirantes. Diferentemente dos bandeirantes, que surgiram com o objetivo de lutar contra indígenas rebeldes e recuperar escravos fugidos, os tropeiros tem em comum com seus contemporâneos o aspecto desbravador de suas jornadas.

Ao invés de ir em busca de metais preciosos, os tropeiros tinham por finalidade fazer comércio entre as vilas que começavam a se instalar pelo território brasileiro. Tendo seu pioneirismo nas cidades de Taubaté, Sorocaba, Viamão, Santana do Parnaíba e São Vicente. A economia da época foi intensificada por esses cavaleiros, que tiveram um papel extremamente importante no transporte de alimentos e metais preciosos, além da disseminação de idéias e notícias entre as aldeias e comunidades emergentes, contribuindo, assim, para a formação cultural dos paulistas.

Cristiane Maria Magalhães² em seu artigo “Na rota dos caminhos da Estrada Real e dos tropeiros” exemplifica a contribuição dos tropeiros para a época:

Pela Estrada Real não atravessavam apenas metais preciosos, durante o boom aurífero, mas toda sorte de alimentos, armas, pólvora, aguardente, ferramentas, roupas, remédios, correspondências, informações e produtos trazidos da Europa, carregados pelas tropas de muares, guiadas pelos tropeiros. (MAGALHÃES, 2007:4)

No site Kinema – Projeto Mídia³, coordenado pela diretora da OSCIP Vale a Pena⁴, Patrícia de Oliveira Ramos⁵, encontramos um breve histórico da passagem desses cavaleiros pelo Brasil, destacando a grande contribuição para com a cultura do país.

Foi ele, o tropeiro, quem levou pro todo o Brasil por séculos, as informações básicas da nossa identidade cultural. Carregando nos braços e nos lombos de seus animais a nossa produção e com ela a divulgação de nossos costumes. Esta caracterização é importante ao se falar ou pesquisar sobre culinária típica brasileira, ou sobre os sistemas de transportes ou comunicações; pratos regionais gaúchos são semelhantes aos mineiros ou nordestinos, apenas raras mudanças na apresentação, temperos ou nos nomes, como jamais poderemos ignorar que os tropeiros foram os primeiros carteiros e responsáveis pela distribuição de toda produção e automaticamente da viabilização da economia⁶.

O começo do declínio do tropeirismo aconteceu a partir da segunda metade do século XIX, com a construção das estradas de ferro. “... os tropeiros começaram a perder a sua principal função”, constata Cristiane Maria Magalhães (p. 4).

Apesar de ter suas origens em várias cidades, as tropas chegaram e são, inegavelmente, parte da história do Vale do Paraíba, já que era o caminho utilizado para que as preciosidades de Minas Gerais pudessem chegar ao porto no Rio de Janeiro.

Em sua tese de doutorado, a pesquisadora Maria Isabel Basilisco Célia Danieli investiga os aspectos econômicos entre os séculos XVII e XIX e dedica um subtítulo de seu trabalho ao Vale do Paraíba relatando a importância da região.

² Mestre em História da Cultura pela FAFICH / UMG

³ <http://www.valeapena.org.br/kinema/index.html>

⁴ A *OSCIP Vale a Pena* tem sua sede na cidade de Queluz, interior de São Paulo, e integra o movimento de transformação do Vale do Paraíba em uma região sustentavelmente mais desenvolvida. Por meio do desenvolvimento de Projetos nas áreas de Educação, Meio Ambiente, Cultura e Geração de Renda, a *OSCIP Vale a pena* pretende contribuir para o desenvolvimento econômico e social da Região, bem como para o fortalecimento da cultura local. *Home Page*: <http://www.valeapena.org.br/>

⁵ Patrícia de Oliveira Ramos é Fonoaudióloga e Educadora, mestre em linguagem pela PUC-SP.

⁶ <http://www.valeapena.org.br/kinema/silveiras/tropeiro.html>

Durante os séculos XVII e principalmente no XVIII, essa plaga paulista teve importância fundamental como entroncamento de caminhos e estradas para se atingir os mercados das capitanias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. A viagem por essa área durante a época de maior produção de ouro das minas era praticamente obrigatória e feita pelo chamado “caminho velho”. O traçado do caminho era muito irregular e certamente derivado de alguma antiga picada aberta por índios e que passou a ser utilizado pelos colonizadores, bandeirantes e posteriormente, tropeiros (DANIELI, 2006:65).

Dessa movimentação de tropeiros pelas terras do Vale do Paraíba, as tropas iam montando acampamentos que se transformavam em grandes ranchos de famílias que aos poucos acabavam se instalando ao longo dos caminhos percorridos. Silveiras tem em sua história essa página, pois ela nasceu a partir de um rancho de tropas, o da família Silveira – partindo daí também o nome para a cidade.

A implantação da Vila de Silveiras só aconteceu em 1.844 devido à Revolução Liberal de 1.842, da qual região foi palco de dolorosos combates. Depois de reconstituída, Silveiras para ao status de cidade em 1.864. Atualmente seu território é de 414,7 Km² e população de 5.372 habitantes⁷.

Por estar sempre em meio aos acontecimentos que acometiam a região Valeparaibana, Silveiras assumiu uma postura firme em relação à história dos tropeiros que durante aproximadamente dois séculos passaram por suas ruas carregando muitas histórias no lombo de mulas.

O processo de comunicação fez com que os habitantes da cidade mantivessem e conservassem os costumes das tropas até os dias de hoje. A tentativa de manter viva na memória e nas ruas de Silveiras a cultura tropeira mostra, por meio da folkcomunicação e das palavras de Luiz Beltrão como o povo, através da simplicidade e sem contar com os meios de comunicação de massa, não deixa que os anos apaguem a cultura.

Para a própria informação e instrução valem-se, preferentemente, de canais interpessoais diretos: as conversas, o relato de causos e estórias, a transmissão de conhecimentos e normas de conduta tradicionais, através dos pais, parentes, membros mais velhos e experientes da comunidade, dos seus próprios líderes que os aconselham e orientam, de alguns missionários ou pregadores leigos carismáticos, que adquiriram sua confiança. (BELTRÃO, 1980:42)

⁷ Dados disponíveis no site da Câmara Municipal da cidade de Silveiras: http://www.cmsilveiras.sp.gov.br/dados_gerais.htm

A cultura tropeira foi se enraizando na cidade assim como seus antigos casarões, o rancho que fica no centro da cidade, as histórias que foram passadas de pais para filhos. Essas mediações e processos de perpetuação da cultura podem ser exemplificados pelas palavras de Antônio Augusto Arantes:

Em se tratando de vida social, a cultura (significação) está em toda parte. Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura”. (ARANTES, 1990:34)

Essa cultura a que se refere Antônio Augusto Arantes pode ser encontrada nos mais velhos moradores da cidade, mas também nos mais jovens, inclusive nos turistas que vão até a cidade justamente para conhecê-la e prestigiá-la.

A utilização da comunicação informal é citada por Américo Pellegrini Filho e Yolanda Lhullier dos Santos no livro “Antropologia & Folclore”, nele, os autores atribuem à oralidade e informalidade a perpetuação das tradições.

... se trata de manifestações também de domínio coletivo, cuja transmissão não depende dessas mídias sofisticadas mas é feita pessoa a pessoa (contatos interpessoais) ou grupo a grupo (contatos intergrupais); ouvir e repetir, ver e aprender. Aqui, a observação direta e a participação assumem grande importância. Por isso se diz que a transmissão do folclore se dá por via informal. (FILHO; SANTOS, 1989:33)

O esforço para manter viva a tradição tropeira em Silveiras partiu de um grupo de silveirenses que, no final da década de 70, decidiu se reunir e colocar em prática idéias para tentar preservar e mostrar para os mais jovens a cultura tropeira, com todos os costumes, comida, tradições.

Silveiras procurou consolidar-se como um grande centro do tropeirismo, com o objetivo de se tornar referência nas tradições. Para tanto, em 1.986 foi criada a Fundação Nacional do Tropeirismo que desde então realiza eventos dedicados ao tropeirismo, orienta pesquisadores e propaga o turismo cultural, regional e ecológico.

A Festa do Tropeiro configura, nesse cenário, como um divisor de águas desde 1.980 e tem como objetivo resgatar o modo de vida e os hábitos dos tropeiros dos séculos passados que acabaram por fundar a cidade. Cada pessoa que passa pela festa e, até mesmo,

pela cidade, consegue enxergar resquícios da história que são contados por seus casarões, ranchos e manifestações culturais.

Em seu artigo “Folkcomunicação: mediação, midiação ou midiatização”, Daniel Galindo cita o processo comunicacional que pode exemplificar a troca de informações vista em Silveiras.

Comunicar é efetivamente promover participações comuns entre os envolvidos no processo comunicacional, participações essas carregadas de significações, afinal estabelecem-se os elementos vitais ao processo, ou seja, uma mensagem é distribuída por meio de um veículo, ambos necessariamente comuns ao pólo emissor / receptor, podendo a partir deste processo simplificado, desencadear um processo de trocas, contínuas ou não, de informações / impressões / idéias / volições, caracterizando-se assim o fluxo comum ou o intercâmbio entre pólos em estado de interação. (GALINDO, 3)

Em seu livro O Povo Brasileiro, Darcy Ribeiro se refere a manifestações como essa como expressões da cultura de um povo.

A história, na verdade das coisas, se passa nos quadros locais, como eventos que o povo recorda e a seu modo explica. É aí, dentro das linhas de crenças co-participadas, de vontades coletivas abruptamente ericadas, que as coisas se dão. (RIBEIRO, 1995:269)

Essa cultura que o tropeiro construiu e deixou como legado para os habitantes da cidade é muito estimada pelos silveirenses e a Festa do Tropeiro foi a forma encontrada para mostrar aos que não conhecem e para imortalizá-la.

Mais uma vez afirmando a informalidade que podemos atribuir à criação e visibilidade da Festa do Tropeiro, José Marques de Melo cita Luiz Beltrão (“O ex-voto como veículo jornalístico” – ensaio monográfico) em seu artigo o fundamentos básico da folkcomunicação que reitera o caráter tradicional do acontecimento.

Não é somente pelos meios ortodoxos – a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica – que, em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural, não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião se manifesta. (MARQUES DE MELO, 2004:16)

Criada em 1967, a Folkcomunicação – a comunicação dos marginalizados, ou seja, aqueles que estão distantes do processo midiático, mas que, de uma forma ou de outra, conseguem se informar e se inserir por meios próprios.

Beltrão se encanta pela comunicação que encontra nas camadas populares e que traduz o sentimento encontrado na cidade de Silveiras em relação à Festa do Tropeiro:

Daí eu me lembrei dos companheiros gráficos, me lembrei de um que era presidente do Lenhador do Recife, clube de frevo, me lembrei da história de Lampião, de Antônio Silvino e de todos os bandoleiros de Pernambuco, eu tinha contato com os coronéis, eu vi por outro lado as multinacionais substituindo os coronéis com a mesma voracidade com que os usineiros substituíram os senhores de engenho na indústria do açúcar. Aí eu comecei a reconsiderar tudo isso e comecei a apanhar esses dados. Eu ainda estava impressionado com a informação puramente. Aí eu chamei isso de folkcomunicação jornalística. (TARSITANO apud BELTRÃO, 1996)

Metodologia

A pesquisa bibliográfica é o ponto de partida para a realização desta pesquisa. A primeira etapa consistirá em compreender de maneira mais completa a teoria da Folkcomunicação, bem como os campos que estão bem próximos a ela como a cultura e o folclore. Para encontrarmos com as teorias a comunicação de massa e a busca pela identidade cultural, iremos de encontro a outros autores que podem auxiliar a fechar o pensamento que permeará toda a pesquisa.

Em um segundo momento, vamos de encontro à pesquisa ação, pois a imersão em todo o processo que envolve a festa se faz necessário para a compreensão da mesma e seus mecanismos comunicacionais. Não deixando de considerar a realidade na qual está inserida a festa e o contexto atual da edição que servirá como referencial.

A pesquisa de campo também deverá englobar um acompanhamento da mídia local e regional, para confrontar os aspectos folcomunicaçãois e midiáticos da festa – se houver.

Andamento do Projeto

A pesquisa bibliográfica é a etapa na qual se encontra o projeto, criando subsídios para embasá-lo teoricamente, evitando conflito de teorias, de autores.

Em agosto de 2010 foi documentada a edição da festa, através de fotos e de pesquisa *in loco*, com o objetivo de observar, de maneira crítica, o andamento da festa em seu dia de maior fluxo e relevância: o último domingo do mês, no qual se realizam o almoço tropeiro e o desfile das tropas.

Após escrever sobre a teoria e a história da festa, será feito o acompanhamento da produção da festa assim que os preparativos se iniciarem, assim como a busca por materiais disponibilizados pela mídia sobre o evento, que contribuirão para a tentativa de descobrir qual o papel da mídia no crescimento da festa e na procura das pessoas pela mesma.

Conclusão

Por ser uma dissertação ainda em construção, não possuímos resultados claros acerca do problema estabelecido – qual o papel da mídia e / ou da folkcomunicação no crescimento da Festa de Silveiras? – no entanto, esta etapa tem sido de grande abrangência em relação a aprofundamento teórico e conhecimento do objeto e da metodologia que será utilizada para a realização da pesquisa.

No entanto, podemos concluir que as pesquisas em comunicação com viés folkcomunicacional, sobretudo relacionado com a mídia, são incipientes, apesar dos esforços de professores, alunos e pesquisadores que buscam entender melhor esse universo da cultura popular e da cultura em geral.

Aliando estudos de ambas as vertentes, podemos olhar para certos fenômenos, mesmo midiáticos, com outros olhos e, até mesmo, obter maior compreensão dos objetos em questão.

Silveiras, assim como todo o Vale do Paraíba, são repletos de histórias interessantes e ricas, que nos mostram modos de vida, tradições. Essa pesquisa também tem a responsabilidade de mostrar uma dessas histórias, a fim de levar ao conhecimento, não só da comunidade acadêmica, mas de toda a comunidade em si, apenas uma das culturas –

entre tantas – que existem em nosso país; buscando, também, legitimar os estudos em Folkcomunicação e o legado de Luiz Beltrão, que tão bem entendeu e expôs seus estudos sobre a sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

- ARANTES, Antônio Augusto. O que é cultura Popular? Editora Brasiliense, 1.990.
- BARBERO, Jesús Martín. Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1.980.
- _____. Comunicação e Folclore: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1.971.
- _____. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.
- BREGUEZ, Sebastião (org.). Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada. Belo Horizonte: INTERCOM, 2004.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro. São Paulo: Martins Editora, 1971.
- FILHO, Américo Pellegrini e SANTOS, Yolanda Lhullier dos. Antropologia & Folclore. São Paulo: Editora Olimpika, 1.989.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MELO, José Marques de. A esfinge midiática. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. Teoria da Comunicação: Paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- _____. (org.). Mídia e folclore – O estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. KUNSCH, Waldemar Luiz (org.). De Belém a Bagé – Imagens midiáticas do natal brasileiro. São Bernardo do Campo: Umesp, 1998.
- MÔNICA, Laura Della. Manual de Folclore. São Paulo: AVB – Produções Audiovisuais Brasileiras Ltda, 1976.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1.995.
- SCHIMIDT, Cristina (org.). Folkcomunicação na Arena Global. São Paulo: Editora Ductor, 2006.
- TARSITANO, Paulo Rogério. Luiz Beltrão: Vida e Obra. In. Comunicação & Sociedade, n° 25, jun/dez. São Bernardo do Campo: Umesp / Metodista, 2006.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. 3º Edição. São Paulo – Martins Fontes, 2008.

Artigos

GALINDO, Daniel. Folkcomunicação: mediação, midiação ou midiatização.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. Na roda dos caminhos da Estrada Real e dos tropeiros. Cadernos de Pesquisa do CDHIS — n. 36/37 — ano 20 — p. 111-117 — 2007

Tese

DANIELI, Maria Isabel Basilisco Célia. Economia mercantil de abastecimento e rede tributária: São Paulo, séculos XVII e XIX. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP, 2.006.

Sites consultados

www.cmsilveiras.sp.org.br

www.valeapena.org.br

www.valeparaibano.com.br

www.pindavale.com.br

www.vnews.com.br